

# Cardoso incluiu a direita em suas críticas

■ Presidente diz que não só a esquerda precisa rever seu papel pós-guerra fria

MARCIA CARMO

Enviada especial

COIMBRA, PORTUGAL — Depois de dizer, há três semanas, que “não é preciso ser burro para ser de esquerda”, o presidente Fernando Henrique Cardoso voltou sua atenção para a direita. No terceiro dia de visita a Portugal, Cardoso recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Coimbra e, em seu discurso, alertou que também a direita, e não só a esquerda, precisa rever seu papel. “Direita e esquerda”, disse, “devem atentar para a nova agenda pós-guerra-fria”. Sugeriu que ambas trabalhem por objetivos comuns, como as questões sociais, ecológicas, da sexualidade, da mulher e do controle demográfico. E ressaltou que a social-democracia é a saída para o mundo moderno.

Cardoso é respeitado em Portugal como importante sociólogo. Recentemente, tem sido lembrado também por ter insinuado que a “esquerda é burra”. A afirmação foi muito explorada pelos jornais portugueses esta semana. Depois de sua análise, Cardoso ouviu duras críticas do sociólogo Boaventura Souza Santos, que dirige o Centro de Estudos Sociais.

**Questionamentos** — Boaventura questionou a declaração do presidente sobre a inteligência da esquerda e o sociólogo na Presidência. Apesar das críticas, o português recebeu agradecimentos e elogios da filha de Cardoso, a professora Beatriz, que integra a comitiva. Mas foi criticado pelo ministro das Comunicações, Sérgio Motta, que o considerou com idéias muito próximas às do PT. A antropóloga Ruth Cardoso, que participou da homenagem, acabou se perdendo na saída da sala de doutoramento e não co-

mentou a fala de Boaventura. Na plateia, também estava o *padrinho* de Cardoso nesta homenagem, o presidente Mário Soares, que ouviu críticas ao governo, chamado por Boaventura de “miope”, menos mal já que não foi diretamente atingido e sim seu rival político, o primeiro-ministro Cavaco Silva.

**Eixo** — Na extensa análise do presidente sobre o papel da esquerda e da direita, ele citou várias vezes Norberto Bobbio, Albert Hirschmann e o paulista Florestan Fernandes. Cardoso insistiu que a saída para o mundo atual, especialmente a América Latina, está na social democracia. “Diferentemente do neoliberalismo, a social democracia desloca o eixo da opção entre estatal e privado do plano ideológico para um plano objetivo: importantes, são as condições que devem ser criadas para o funcionamento da economia”. Ao longo de todo o discurso, Fernando Henrique deixou claro que, depois do fim da guerra fria, esquerda e direita precisam deixar para trás antigos “apegos” e pensar no mundo atual.

Ele condenou o corporativismo como uma prática que age como empecilho para a universalização das conquistas sociais, como salário e aposentadoria. Ao pregar a necessidade da justiça social, como a bandeira do mundo atual, o presidente falou de Cuba, que, a seu ver, adotou uma versão própria do ideal de igualdade: “Cuba forja um modelo de igualdade na pobreza e abre a perspectiva de que é possível dar saúde e educação para todos”. Em sua opinião, o exemplo confirma que alguma transformação “radical” do sistema é necessária. Mas ressaltou: “Nem todos os projetos de esquerda serão radicais”.